

Transcrição
Memórias do Brasil
Milton Hatoum

Intro

Milton Hatoum caminha pela rua.

(V.O) MILTON HATOUM: O espírito Amazonense, tímido talvez, desconfiado para sempre. Não me fuja em São Paulo. Nem me deixes preso aos pesadelos que incendeiam o mundo. Se o Brasil te conhecesse antes do fim que se aproxima, salvaria tua beleza. Teus seres encantados, a ciência decifraria teu imenso mistério. Abre a janela de um barco entre meus olhos. Que ao teu profundo rio conduza, a memória de línguas estranhas e tantas histórias ocultadas. Amazonas.

Vinheta de abertura

Bloco 1

(PA) MILTON HATOUM: Eu comecei a escrever ainda jovem, em Manaus. Como todo jovem escreve poemas de amor, cartas de amor. Enfim, ridículas como diria Fernando Pessoa, Álvaro de Campos. E por isso são ridículas, porque são cartas de amor. Mas, eu acho que primeiro foi a leitura, o que mais me fascinou antes da escrita, foi a leitura de contos, de alguns romances e antes disso, vamos dizer que... A voz do meu Avô, foi fundamental. As histórias, narradas, contadas pelo meu avô, meu avô Libanês. Os que viajam tem muito o que contar. As pessoas, os grandes viajantes e esse imigrante que veio do Líbano, para Manaus...

(Imagens de arquivo)

(V.O) MILTON HATOUM: Ele contava histórias em uma época que não havia TV em Manaus. Então as crianças se reuniam às vezes para contar histórias, e eram histórias, eram fábulas. Eram histórias fabulosas. E isso, vamos dizer, me acompanhou, ficou na minha imaginação.

(PA) DAVI ARRIGUCCI JR: Quando eu conheci o Milton, nos anos 70, como aluno na Faculdade de Filosofia, o Milton era estudante naquela altura da FAU, da Faculdade de Arquitetura. E eu sou professor de Teorias Literárias e Literatura Comparada. E ele começou a aparecer nas minhas aulas como aluno ouvinte e aí eu conheci ele. Ele se mostra muito interessado em Literatura e inclusive, Literatura Hispano-Americana.

(Imagens de arquivo dos escritores e livros citados)

(V.O) DAVI ARRIGUCCI JR: Ele era um leitor do Vargas llosa, do Cortázar e entre os cursos que eu dava naquela altura estava justamente o Cortázar, eu estava escrevendo o Escorpião Encalacrado. E depois que foi também uma referência para ele. Mas ali foi que nos conhecemos, quer dizer, como estudante.

(PA) MILTON HATOUM: Então, eu comecei a escrever meu primeiro romance o: *Relato de um certo Oriente*, em 1980, quando eu morava em Madrid. Morei em Madrid um tempo, depois em Barcelona. Escrevi esse livro, quer dizer, comecei a escrevê-lo depois de ter fracassado um projeto literários. Então foi depois de um fracasso enorme eu comecei a escrever o *Relato de um certo Oriente*. E continuei a escrever esse livro em Paris...

(Imagens de arquivo Paris, Manaus...)

(V.O) MILTON HATOUM: Durante mais de 3 anos. E terminei em Manaus, em 87. Foram quase 7 anos. Eu escrevia todos os dias mas, enfim... E só publiquei, só foi publicado em 89.

(V.O) Adriano Big: Dorner, relutava em aceitar meu temor à floresta. E observava que o morador de Manaus sem vínculo com o rio e com a floresta é um hóspede de prisão singular: aberta, mas unicamente para ela mesma. "Sair dessa cidade", dizia Dorner, "significa sair de um espaço, mas sobretudo de um tempo. Já imaginaste o privilégio de alguém que ao deixar o porto de sua cidade pode conviver com outro tempo? "

(PM) MILTON HATOUM: Eu terminei o texto em 87 e não procurei editores. Eu não saia a procura de editores. Um editor do Rio ia publicá-lo, mas depois não deu certo. Demorou muito aliás, para publicar o romance e foi em 88 que eu conheci o meu editor o Luiz Schwarcz da Companhia das Letras. Ele se interessou, ele e a Maria Emília, que foi uma editora também. Eles gostaram do romance e publicaram no ano seguinte, em 89.

(PM) LUIZ SCHWARCZ: Eu conheci o Milton junto com a obra dele. Ele era amigo de pessoas que trabalhavam na Companhia das Letras, a Maria Emília.

(Imagens de acervo)

(V.O) LUIZ SCHWARCZ: E de outros amigos em comum. Mas quando eu soube...

(PM) LUIZ SCHWARCZ: Que ele tava fazendo o primeiro romance,

(V.O) LUIZ SCHWARCZ: O "Relatos de um certo Oriente", foi mais ou menos na mesma ocasião que eu fiquei conhecendo...

(PM) LUIZ SCHWARCZ: O Milton, que depois com o tempo, se transformou em um amigo pessoal importante. Mas, vamos dizer que, quando eu conheci o Milton, foi quando eu conheci o primeiro trabalho que ele tava fazendo pra ser publicado. Milton pega um livro na prateleira e folheia.

(PM) MILTON HATOUM: Mas ele teve leitores que eu admiro muito que são escritores e críticos. O Davi Arrigucci Jr. Leu o manuscrito, escreveu a orelha...

Fotos de arquivo

(V.O) MILTON HATOUM: uma belíssima, belo texto de orelha. O Raduan Nassar, leu o manuscrito, o Luiz e Maria Emília. Eu tive leitores privilegiados.

(PM) MILTON HATOUM: tive muita sorte em escrever o manuscrito. E enfim, depois eu passei muito tempo sem publicar outro livro. 10 anos, 11 anos.

(V.O) Adriano BIG: O romance é aqui uma arquitetura imaginária: a arte de reconstruir, no lugar das lembranças e vãos do esquecimento, a casa que se foi. Uma casa, um mundo. Um mundo até certo ponto único, exótico e enigmático em sua estranha poesia, mas capaz de se impor ao leitor com alto poder de convicção.

(VO) RADUAN NASSAR: Meu querido amigo.

(PM) RADUAN NASSAR: Milton Hatoum, transita com invejável linguagem em diferentes planos da ficção. Arte dos livros "Dois irmãos" e "Órfãos do Eldorado" e "A cidade ilhada".

(VO) RADUAN NASSAR: No romance *Dois Irmãos*, na novela *Órfãos do Eldorado* e no conto *Varandas da Eva*. Pra só citar essas 3 obras primas.

(PM) RADUAN NASSAR: Suas narrativas impregnadas de vivência da realidade Amazônica, trazem uma inestimável contribuição ao conhecimento do Brasil, que transcende a Literatura.

(PM) LUIZ SCHWARCZ: Eu acho que ele com *poucos livros alcançou um patamar de clássico*. É um clássico muito jovem. O Milton foi considerado um clássico.

Imagens do livro em quadrinhos "Dois Irmãos"

(V.O) LUIZ SCHWARCZ: E *Dois irmãos* principalmente, é considerado um clássico da Literatura Brasileira com o Milton razoavelmente jovem. Muitos clássicos se tornaram clássicos não em vida não tiveram oportunidade de vivenciar essa consagração, não só na literatura, o próprio caso do Mozart é exemplar.

(PM) LUIZ SCHWARCZ: Então eu acho que ele hoje é um clássico da Literatura Brasileira, que aparece no jornal com sua crônica toda semana, que pode testemunhar e viver politicamente...

Inserts matérias de jornal sobre Milton Hatoum

(V.O) LUIZ SCHWARCZ: Se posicionar politicamente. Eu acho que tem uma graça, um sabor, você pode saber a opinião de um clássico, sobre coisas que você está vivendo. Eu acho que o Milton é um pouco isso, um clássico vivo.

(V.O) ADRIANO BIG: História Secretas de um livro. Uma lâmpada solitária no teto do quarto, iluminava as noites mais escuras da alma do expatriado. Um doido, um diabo uma lâmpada solitária no teto do quarto e o Supremo. Passei as noites mais escuras na alma do expatriado. Um solteirão da província. República.

(Os áudios de texto um sobre os outros)

(PA) MILTON HATOUM: A Literatura é uma das formas de se imaginar o mundo pela linguagem. Quer dizer, ela não é... como toda Arte ela não é uma cópia da realidade, um retrato da realidade. Ela é uma transcendência, do real. A Literatura vai mais a fundo nessa recriação, nessa invenção da realidade.

Imagens de arquivo de casas

(V.O) ADRIANO BIG: Mundo contou que no internato tinha pesadelos com paisagens calcinada. A floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado. Andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal. Longe do centro, longe de tudo... Queria voltar para perto do rio.

(PM) DAVI ARRIGUCCI JR: O narrador depende do mandamento épico da objetividade. Que ele tem um mundo sobre qual ele fale. Mais no caso do Milton, esta reconstrução do mundo objetivo vem impregnada um lirismo com uma carga de subjetividade, da expressão subjetiva, que molda a linguagem dele. Quer dizer:

(OFF) DAVI ARRIGUCCI JR: É uma língua rememorativa e lírica. Além dos elementos objetivos que ele colheu, certamente a cidade Manaus a sua arquitetura, floresta o rio, as figuras humanas, as figuras do mundo, da família dele.

(PM) DAVI ARRIGUCCI JR: O universo central das relações humanas no trabalho do Milton é o mundo familiar. O mundo familiar marcado certamente por paixões, por desejos desencontrados. E por grandes personagens, que às vezes... que habitam esse mundo. Há grandes figuras que às vezes nasceram ali e às vezes vieram para lá.

(V.O) MILTON HATOUM: Eu tenho uma lembrança assim...

(PM) MILTON HATOUM: A minha geração de Arquitetos, geração que se formou nos anos 70, tinha um sonho de trabalhar com habitação popular. De fazer projetos de habitação social... que nunca foi realizado na verdade.

(Imagens de conjuntos habitacionais)

(V.O) MILTON HATOUM: O que se fazia no BNH nos anos 60 é o que se faz hoje com Minha Casa Minha Vida, ou em qualquer projeto habitacional do governo, desse governo do estado, ou enfim, Cingapura ou... Quer dizer, são projetos péssimos para o povo. E eu ia trabalhar nesse projeto de uma grande área residencial em Manaus, no final dos anos 70. Mas a solução da prefeitura era simplesmente queimar tudo. Desmatar toda essa área para construir as casas.

(PM) MILTON HATOUM: E aí eu sai, já tava um pouco desencantado com a Arquitetura, com o Urbanismo Brasileiro. E aí eu decidi enfim, na verdade eu queria ser escritor.

(Inserts de floresta contraposta com a cidade urbana. Sobe som de respiração).

(PM) DAVI ARRIGUCCI JR: O mundo ficcional do Milton dependeu muito de um lado de cronista histórico que ele tem. Certamente esse lado, é um lado importante porque leva, também demonstra como ele é capaz de observar. Há um observador, muito minucioso e sensível da região, das pessoas que ali vivem, da cidade, das mudanças da cidade. Ele tem um olhar muito...

Inserts casas de periferia

(V.O) DAVI ARRIGUCCI JR: Constante sobre a arquitetura, vários romances aparecem a questão da Arquitetura de Manaus. As transformações, as deteriorações que sofreu a cidade, quer dizer, tem um olhar para a cidade, a cidade ilhada que

é o título justamente do livro de contos. Mas, que está um pouco, em toda...

(PM) DAVI ARRIGUCCI JR: Quer dizer, esse microcosmo que é o foco da atenção dele, ele é visto da perspectiva arquitetônica com muita precisão e com muito senso da transformação histórica, da mudança.

(V.O) MILTON HATOUM: É muito estranho você ver seu livro em uma língua que você desconhece.

(P.M) MILTON HATOUM: Eu acho que é sempre é emocionante você ver um livro, tem uma história também da tradição Árabe, meu pai se emocionou, mas do que eu, eu acho. Quando ele viu, não foi a tradução, ele não chegou a ver a tradução ele morreu antes, mas ele leu em Árabe algumas matérias.

Inserts acervo pessoal

(V.O) MILTON HATOUM: Alguns artigos que saíram em Beirute sobre meu primeiro romance. Ele disse umas coisas interessantes, se eu nunca pensei que fosse voltar para o livro através de um livro escrito pelo meu filho. É uma maneira de voltar para lá, para as origens. A tradução na verdade ela dá muito trabalho, porque ela não é um espelhamento, ela não é uma...

(MPP) MILTON HATOUM: A pior tradução é aquela palavra com palavra, então o tradutor é um escritor também. O escritor que tem um ponto de partida, que tem uma referência no texto de origem.

(V.O) MILTON HATOUM: Encontrar o ritmo, o tom, a questão é encontrar esse tom e pode até mesmo errar uma palavra ou outra, mas o tom do narrador, tem que ser correspondente ao original. A língua chega na língua traduzida. Mas eu acho que tive sorte com os tradutores, o Inglês, o Francês o Árabe, o Espanhol, na Argentina, minha produtora Argentina, o Alemão, são bons tradutores, são excelentes tradutores.

(PM) MILTON HATOUM: Essa edição Alemã comentários de Jorge Amado, os Baianos estão aqui. Jorge Amado tem uma história com esse livro, com o meu primeiro romance. Todo Jovem é um pouco ousado e impertinente e eu mandei para ele meu primeiro romance, um relato de um certo oriente, e não é que o Baiano me escreveu uma carta linda? Linda! E eu guardei. Falando do romance e com muita propriedade dizendo coisas bem interessantes e eu guardei essa carta. E um dia um editor Alemão quis publicar um trecho, um trechinho da citação de Jorge Amado. Sempre foi um escritor muito generoso com jovens.

Inserts de fotos (barcos na água)

(V.O) LUIZ SCHWARCZ: O Milton tem uma recepção muito boa no exterior.

(PM) LUIZ SCHWARCZ: ele tem maior recepção de crítica do que de público. Mas isso é um problema da Literatura traduzida em geral. Aqui a grandes escritores que nós traduzimos e que tem essa peculiaridade do Milton em seus países, e que aqui nós não conseguimos reproduzir. É muito difícil na literatura de alta qualidade você conseguir universalmente, o público e crítica.

(PA) MILTON HATOUM: Eu acho que há poucos livros perfeitos, o romance geralmente em qualquer bom romance há imperfeições, são raríssimos os romances perfeitos.

(V.O) MILTON HATOUM: São poucos, eles são, enfim, são os romances geniais. Mas nós mais modestos, infinitamente mais modestos nós podemos errar. E mesmo assim, nós podemos errar aqui e ali. E mesmo assim, por isso que eu não gosto de reler nada que eu escrevo. Mas, na verdade também, há uma vontade enorme, um desejo enorme de encontrar o ritmo certo, e a palavra certa, o tom do narrador. Quer dizer, tudo isso é importante.

Milton caminhando

(V.O) MILTON HATOUM: A leitura em voz alta é um desafio e ao mesmo tempo é um prazer, porque você se emociona com as palavras, elas têm uma canalidade própria, elas têm uma melodia, elas carregam um sentimento. E de algum modo elas emocionam, então eu quando escrevo eu geralmente leio aquilo que eu escrevo, leio em voz alta e eu penso bastante nas musicalidades nas aliterações, nas rimas internas.

Vinheta

Bloco 2

Imagens de arquivo

(V.O) MILTON HATOUM: Espírito Amazonense me ilumina e sob o caos dessa metrópole, conserve-me ao menos um fio do que fui na minha infância, não quero ser pássaro em céus de cinzas, nem amargar a noite de medo nas marginais de rio que não quer mais. O outro rio sereno e violento é pátria imaginária, paraíso atrofiado pelo tempo. Amazonas, tua ânsia de infinito ainda perdura, ou perdi precocemente toda esperança? Os que te queimam impunes tem olhos de cobre, mãos pesadas de ganância.

(PA) MILTON HATOUM: Minha infância em Manaus foi em uma cidade totalmente diferente do que é hoje. Infância de quintal, de casa do vizinho, de rua, de empinar papagaios, saltar papagaios, pipa como dizem aqui. Eu jogava futebol e jogava muito tênis de mesa, ping pong. Quando comecei a entrar na adolescência eu fui Cloners de uma banda. A gente cantava tudo, música brasileira, os Beatles já estavam chegando, bolero... Eu costumo dizer que minha infância feliz foi interrompida em 1964 quando eu completei 12 anos.

(PA) MILTON HATOUM: Mas os primeiros traumas da minha vida, vamos dizer da vida de uma pessoa, são traumas que acontecem também na infância e na juventude. Por exemplo, eu sofria muito quando eu via as empregadas caboclas ou índias sendo maltratadas pelos patrões. Eu não entendia isso, eu achava isso uma coisa abominável, eu não sabia elaborar direito. Tanto que mais de 30 depois eu escrevi um romance onde a personagem Domingas, Dois irmãos, é inspirado nessaS coisas com a qual eu vivi e testemunhei um sofrimento enorme. Então a imagem do índio, do caboclo sendo humilhado pra mim foi uma coisa traumática, talvez por isso eu tenha saído de Manaus, para descobrir a mim mesmo, descobrir coisas. E também dos outros. Quer dizer, a ideia da humilhação do outro, do sofrimento do outro e a ideia da desigualdade brutal, eu tive em Manaus, nesta idade dos 12, dos 10 aos 15 anos e eu nunca mais me recuperei disso.

Inserts imagens de índios

(PA) AURÉLIO MICHILES: Bem a gente tinha os melhores anos da nossa vida vivendo em Manaus, era uma festa, era uma farra em todos os sentidos, que se possa imaginar, as descobertas, em todas as direções que um jovem pode ter, e em um lugar que não tinha 300 mil pessoas, quer dizer, a gente estava protegido, todos mundo se conhecia e tinha algum contato. "E aí, vai para Brasília?" Nessa época Brasília tinha o dobro da população, tinha 600 mil habitantes quando nós chegamos em Brasília, então era o dobro, um pouco mais que o dobro da população de Manaus. E depois pela própria natureza, árida, da arquitetura e urbanismos de Brasília, que onde não tem uma esquina que não tenha uma padaria, que não tenha o tradicional.

(PA) AURÉLIO MICHILES: Esse encontro da praça e isso realmente podia nos causar um trauma violento. Interessante que isso não aconteceu e eu tenho impressão porquê não teve tempo de acontecer. Quando chegamos em Brasília, o Milton não estudou no mesmo colégio que eu tava, ele foi para outro colégio e nós nos integramos imediatamente, o Milton fez um concurso de poesia e eu não sei se ele ganhou o primeiro ou

o segundo lugar, mas se destacou como poeta assim como chegou.

(PM) Milton Hatoum: Meu primeiro poema foi publicado no correio Braziliense, não sei se em 68 ou 69. Eu estudei no colégio, maravilhoso, no Colégio Aplicação, fiz um exame para entrar, para fazer o colegial e o ensino médio, foi fechado, ele pertencia a Universidade de Brasília e ficava na entrada do Campus. Então para mim foi a descoberta de muitas coisas, mas eu já era um leitor em Manaus.

(PA) AURÉLIO MICHILES: O Milton fez parte de um grupo de amigos da FAU que eles fizeram um livro sobre o Amazonas, uma viagem que eles fizeram para o rio negro, os colegas do Milton eram fotógrafos, fotografaram essa viagem e o Milton fez o relato poético. Então, é por exemplo esse livro aqui, "Amazonas: palavras, imagens de um rio entre ruínas" e tem a poesia, tem várias poesias. Aqui Na contracapa tem um poema que eu adoro esse poema: "As portas do rio foram abertas e vazaram peixes, caboclos, ubás, remar tornou-se verbo estático, o tempo ancorou no raso e o verde se decifrou."

MILTON HATOUM: Eu me entreguei a mais Literatura em Sao Paulo, quando eu frequentei a FAU, quando estudava Arquitetura e frequentava cursos como ouvinte de literatura literária na USP, foi aí que eu conheci grandes professores na USP, vi Davi Arrigucci Júnior, Leyla Perrone-Moisés, Alfredo Bosi, enfim o saudoso Lafetá, João Luiz Lafetá, enfim, foram professores importantes, para mim. Então eu assistia a Irlemar Chiampi Literatura Hispano Americana. E então nessa época eu li, eu lembro que o Davi Arrigucci, ele nos deu uma lista de livro fundamentais, e eu passei um bom tempo lendo esses livros, antes de escrever, antes de querer publicar.

(PM) Tuna Dwek: Então a gente se conheceu, ainda na época da ditadura militar apresentados pela Nina Kahn, que é uma caríssima amiga minha da faculdade até hoje. Ele não era escritor, o Manaus, a gente ainda chama ele de Manaus até hoje. Ele era arquiteto. Ele devia ter feito assim acho que meio projeto em toda a vida dele, mas eu acho que ele já escrevia, ele morava com Horácio Costa, que era um grande amigo dele, era poeta, então tinha já uma efervescência literária em ebulição que não tava muito manifesto a coisa tava latente, e ia explodir alguns anos depois, com essa riqueza que ele tem, literária, emocional.

(PM) Milton Hatoum: Eu achava como ainda acho que você tem que primeiro ler e viver, né? A literatura depende muito da experiência de cada um, e das leituras de cada um, como os

livros são lidos e foi aqui eu acho que eu decidi que queria ser escritor.

(OFF) Milton Hatoum: Em poucas palavras Yaqub pintava o ritmo de sua vida Paulistana. A solidão e o frio não incomodavam, comentava os estudos, a perturbação da metrópole, a seriedade e devoção das pessoas ao trabalho, de vez em quando ao atravessar a praça da república, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou.

(PM) Tuna Dwek: De onde ele tira essa associação de palavras que geram imagens, que nos emocionam tanto, e que você quer voltar aquela frase e que você chora com aquilo, de emoção. É uma literatura que emociona assim e que vai para o âmago da pessoa.

(PG) Milton Hatoum: Minhas histórias surgem a partir de uma experiência uma longa experiência de vida, eu para escrever um romance, e não eu escrevi muitos. Eu já não sou jovem, em 20, quase 30 anos, separa o meu primeiro romance. Eu só escrevi quatro até agora. Mas para escrever um romance, eu preciso armar essa história na minha cabeça. Quer dizer, ela tem que me possuir primeiro, essa história, essas personagens e os conflitos todos enfim. Ela é armada primeiro na minha cabeça, depois eu passo o papel, algumas ideias, por que eu escrevo a mão ainda, como um ser primitivo, eu ainda, cultivo a escrita a mão e eu desenho o romance primeiro, o que seria o romance, escrevo sobre o personagem, sobre os conflitos, sobre os dramas, sobre mais ou menos sobre a trajetória de cada um. Situado num tempo e espaço.

(OFF) Milton Hatoum: E depois, quando eu começo a escrever de fato, o romance, essas coisas todas mudam, porque o imprevisível conta muito, o inconsciente trabalha, o romance trabalha com a imaginação como toda obra de arte, mas o que norteia, eu acho que o que dá mesmo força a uma obra de arte é a imaginação.

(PA) Davi Arrigucci Jr: Quer dizer, os narradores dependem essencialmente dessa substância do vivido que vai se acumulando, se decantando na memória, ou seja, depende de uma coisa que se acumula aí que é a experiência, essa coisa que vai sobrando, se decantando lentamente, nas substâncias dos dias que passam e que o narrador tira daí a matéria que ele tem para narrar e certamente o Milton é isso em grau extremo, é daí que nasce a literatura que ele escreve.

(PA) Milton Hatoum: Alguns livros foram fundamentais para mim, e me marcaram muito, marcaram a minha vida, e também minha vida de leitor. E isso foi na escola pública, no

ginásio amazonense Colégio Estadual do Amazonas. Ali eu acho que eu li alguns livros fundamentais.

(OFF) Milton Hatoum: Até na literatura Brasileira. Li Vidas Secas do Graciliano Ramos, LI Jorge Amado, Capitães da Areia e também me impressionou bastante, li alguma coisa do Érico Veríssimo e dos Sertões, trechos dos Sertões de Euclides da Cunha, e li também um conto fabuloso, maravilhoso do Flaubert, chama-se Coração Simples, e li alguns contos do Machado de Assis e eu descobri uma Literatura Brasileira, li um pouco da Literatura estrangeira.

(PM) Milton Hatoum: Mas descobri também o Brasil através da Literatura. Eu não esperava várias adaptações, dos meus romances, eu não esperava que isso fosse acontecer, quer dizer, a minissérie dirigida pelo Luiz Fernando.

(OFF) Milton Hatoum: O livro em quadrinhos, o "Órfãos do Eldorado", "Relatos de um Certo Oriente", Marcelo Gomes, vai dirigir.

(PM) Milton Hatoum: O conto Cidade Ilhada, o Adeus do comandante, o Sérgio Machado cineasta também vai dirigir, com o roteiro da Maria Camargo que é roteirista de quase todos, quase todos os meus romances.

(PM) Milton Hatoum: Eu não esperava toda essas, adaptações, e eu não penso no filme quando eu tô escrevendo, procuro dar muita ênfase à psicologia das personagens, ao drama moral das personagens.

Cenas do filme Órfãos do Eldorado

(PM) Milton Hatoum: E o roteiro ele não segue muito essa intensidade psicológica, o roteiro precisa mais de ação, a menos que seja um filme de Bergman, mas os meus livros não são livros de ação, eu tô escrevendo a muito tempo já, são dois romances, espero terminar o primeiro volume agora, ainda esse ano, antes que ele termine comigo, ponto final nesse texto que já se arrasta a anos, a mais de sete anos. E depois eu já não sei mais, o que eu vou fazer. Porque também, a minha vida, a minha experiência está se esgotando, mas é um momento em que você deve parar de escrever, esse momento se você, vamos dizer foi muito honesto, você pode dizer para "sigo" mesmo eu não tenho mais o que escrever, tudo o que eu tinha que escrever já foi escrito, já foi publicado e também parar de escrever, eu acho que é um ato de coragem, talvez um ato mais corajoso do que escrever coisas que vão são verdadeiras.

(OFF)Milton Hatoum: A leitura em voz alta é um desafio e ao mesmo tempo é um prazer porque você se emociona com as palavras, as palavras elas tem uma canalidade própria, elas tem uma melodia, elas carregam um sentimento e de algum modo elas emocionam. "Nós esperamos até tarde da noite. Minha mãe e eu no nosso quarto dos fundos. Rânia e Zana no andar de cima, deitadas, com a porta aberta, atentas a qualquer ruído. Deram duas horas e nada de Halim chegar.
Milton lendo o livro

(OFF) Milton Hatoum: Por volta das três, escutei o ronco de minha mãe, quase um assobio grave, um sopro. Um nambuaçu piou por ali; olhei para o chão do quintal, nem sombra da ave. Depois reconheci o canto de um anum, me senti melancólico, mareado. "As copas escuras cobriam os fundos da casa. Um barulhinho esquisito riscava a noite, podia ser mucura faminta no faro de um poleiro ou morcegos mordendo jambo doce. Lembro que as palavras do livro que eu lia foram se apagando e sumiram. O livro também foi engolido pela escuridão. Cochilei, debruçado na mesinha. Lá pelas cinco da manhã (ou um pouco depois, porque o cortiço dos fundos já emitia sinais de despertar e a noite começava a perder a sua treva), um ruído me despertou. Vi uma claridade na cozinha e logo depois um vulto. Era uma mulher. A mão direita de Zana surgiu, aclarada por uma luz de vela. Ela saiu devagarinho, segurando um alguidar, a vela acesa na outra mão. Atravessou a sala, e, antes de subir, parou perto da escada. Parou, virou a cabeça e deu um grito medonho. O alguidar estilhaçou no assoalho, a vela tremia-lhe na mão. Domingas saiu do sonho e pareceu mergulhar num pesadelo: seu rosto sonolento virou uma máscara assustada. Nós dois nos aproximamos da sala: Halim estava ali, de braços cruzados, sentado no sofá cinzento. Zana deu um passo na direção dele, perguntou-lhe por que dormira no sofá. Depois, menos trêmula, conseguiu iluminar seu corpo e ainda teve coragem de fazer mais uma pergunta: por que tinha chegado tão tarde? Então com o sotaque árabe, ajoelhada, gritou o nome dele, já lhe tocando o rosto com as duas mãos. Halim não respondeu. Estava quieto como nunca. Calado, para sempre."

Milton caminha pela praça

(OFF) Milton Hatoum: Não, eu nunca pensei na dimensão estética da minha obra, na importância da minha obra, muito menos em legado, eu não de pensar nisso, mesmo porque é o tempo da literatura é importantíssimo, o tempo é muito cruel, o que acaba com alguns livros em meses em dois, três anos, eu já me sinto um pouco realizado, quando eu vejo que me primeiro romance que já tem quase sei lá, 28 anos, continua a ser lido. O meu primeiro romance diz muito da minha vida e foi um romance que eu comecei a virar um escritor e

abandonei a Arquitetura, então eu acho que a Literatura crítica ao longo do tempo que vai dizer sobre a importância de uma obra e eu não tenho a mínima pretensão de falar sobre isso. Eu não tenho certeza na verdade sobre nada.

Créditos finais